
“A HISTÓRIA DAS CRIANÇAS QUE PLANTARAM UM RIO”: A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE DANIEL DA ROCHA LEITE

“THE HISTORY OF CHILDREN WHO PLANTED A RIVER”: THE REPRESENTATION OF CHILDHOOD IN THE CHILDREN’S LITERATURE OF DANIEL DA ROCHA LEITE

Geovane Silva Belo¹

Andréia Souza de Oliveira²

Resumo: O trabalho tem como objetivo compreender como se constitui a representação da infância na obra *A história das crianças que plantaram um rio*, de Daniel da Rocha Leite (2013), autor que representa traços identitários da infância e da força da memória, em diálogo com a cultura amazônica. A construção do objeto de estudo levará em consideração as abordagens teóricas sobre Literatura Infantil em Zilberman (2003) e concepções de infância em Aries (1978).

Abstract: The work aims to understand how the representation of childhood is constituted in the book *The story of the children who planted a river*, by Daniel da Rocha Leite (2013), an author who represents childhood identity traits and the strength of memory, in dialogue with Amazonian culture. The analysis of the object of study will take into account the theoretical approaches on Children’s Literature in Zilberman (2003) and conceptions of childhood in Aries (1978).

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Infância; Daniel Leite.

Keywords: Children’s literature, Childhood, Daniel Leite.

Introdução

O trabalho tem como objetivo compreender como se constitui a representação da infância na obra *A história das crianças que plantaram um rio* (2013) do autor Daniel da Rocha Leite. O autor apresenta um relicário de elementos que representam a cultura amazônica e sua constituição simbólica. É possível observar tais aspectos por meio da representação do imaginário, da oralidade e dos

1 Doutor em Educação (UFPA)

2 Pós-graduanda em Linguagem, Cultura e Formação Docente (UFRA)

discursos evocados na obra. A narrativa apresenta o rio como elemento central nas práticas culturais da criança. A construção do objeto de estudo levará em consideração as abordagens teóricas sobre as concepções de infância, assim como a tradução da cultura amazônica na literatura.

A obra de Daniel da Rocha Leite *A história das crianças que plantaram um rio* (2013) é apresentada no contexto de vida de um povo específico da Amazônia, que são os ribeirinhos, com seus saberes, memórias e vivências. As cenas narratológicas falam da transmissão cultural entre gerações, por isso se observam na sua obra a intuição e a composição da memória como linhas da reminiscência. Este estudo se interessa pela compreensão das concepções de infância na literatura e procura também dar visibilidade à voz de um dos escritores contemporâneos mais premiados do cenário literário do Pará.

O livro infantojuvenil de Daniel Leite alcança leitores múltiplos. As crianças, por exemplo, podem imergir em uma narrativa que dialoga com o onírico, mas ainda atravessada pelas representações sociais da realidade ribeirinha. Desse modo, a memória e a voz do narrador menino estão carregadas de elementos simbólicos que saltam pelas histórias da avó. A linguagem poética se lança na tradução do imaginário e provoca o deslumbre no leitor.

As cenas da infância atentam para a minúcia da observação, com metaforizações, tendo o rio como personagem. Em relação à recepção literária, o leitor, embora distante da cultura ribeirinha, conseguirá perceber os traços identitários do sujeito amazônico, pois a obra se constrói de marcas da ancestralidade e da oralidade na formação da criança. Em especial, a narrativa dá ênfase ao ato de narrar, ao brincar das crianças e à atmosfera do sonho.

A tradução da oralidade tem lugar na voz da avó, personagem na qual a contação de histórias como prática cultural está representada. Sobre isso, Simões e Farias (2017) descrevem que a imagem do narrador está direcionada às pessoas de mais idade das comunidades, devido à vivência, ao conhecimento de mundo acumulado. A transmissão de saberes culturais dos mais velhos é uma prática ligada à força da ancestralidade, comum em diversas comunidades ribeirinhas e indígenas, cujo isolamento geográfico ainda é acentuado.

Outro traço da narrativa são as brincadeiras, que permeiam as fases da infância. Estão relacionadas à cultura e ao local de origem e por meio delas as crianças modificam a realidade, pois “desenvolvem uma ação social e cultural que a recria, com o seu poder de reinvenção, a imaginação” (OLIVEIRA; DIAS, 2017, p. 3). Os autores afirmam ainda que, por meio do brincar, as crianças constroem sua compreensão do mundo. O ato de brincar reflete a forma como elas organizam sonhos, desejos, sentimentos e conhecimentos.

Esta pesquisa procura também apresentar como o caráter lúdico da criança ribeirinha emana

do rio na obra de Daniel Leite, pois há uma poética das águas, identificada como prática cultural presente na formação dos sujeitos. Os banhos, os saltos, as embarcações, a pesca, os mitos povoam o cotidiano e estão em cada fase do desenvolvimento intelectual, social e afetivo da criança. Assim, outro objetivo deste trabalho é discutir os traços da cultura amazônica na narrativa, uma vez que são elementos significativos que traduzem as concepções de infância. Por isso é relevante verificar de que forma o ato de brincar está representado em *As crianças que plantaram um rio* (2013).

De acordo com Zilberman (2003), a Literatura infantojuvenil surge como produto endereçado à infância e para auxiliar, inicialmente, na formação ética e pedagógica, à medida que surgem historicamente condições específicas acerca dessa fase. A literatura infantojuvenil como arte se potencializa no contato com o extraliterário, com a realidade; a criança, por meio da imersão no poético, amplia sua cosmovisão e realiza uma conexão própria com o mundo fulgurante do brincar.

A representação da infância na literatura

No período medieval, não havia a consciência da particularidade infantil. Existe uma diferença entre sentimento de infância e afeição pela criança para Áries (1978), embora, o conceito de família já carregasse valores como a proteção e o pertencimento. Não havia uma distinção clara entre o mundo adulto e o infantil que colocasse a criança em uma condição privilegiada: “o sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”. (ÁRIES, 1978, p.99).

Conforme Zilberman (2003), no século XVIII, a afetividade é inclusa na vida das crianças, nesse período, as mulheres também ganham um pouco mais de autonomia devido à liberdade advinda do liberalismo. No período anterior, o patriarcalismo conduzia a educação de maneira geral. Já neste novo momento, a mãe adquire mais liberdade e passa a assumir o papel doméstico, sendo responsável pelos cuidados dos infantes. Com isso, a ama de leite já não é utilizada e esse contato materno nos primeiros anos de vida diminui a mortalidade das crianças, portanto, é a partir do século XVIII, que, de fato, a nova concepção de infância é firmada, com maior atenção às etapas de desenvolvimento e formação intelectual da criança.

Zilberman (2003) menciona ainda que a nova concepção de infância se fundamenta de diferentes formas. Na França, por exemplo, o movimento no início do século XVII aborda dois lados, o das crianças burguesas que precisavam ser cuidadas com carinho e preparadas para ter uma boa edu-

cação, enquanto as crianças pobres recebiam atenção para garantir a mão de obra para a burguesia, ou seja, para assegurar a sobrevivência do modelo econômico.

Zilberman (2003) descreve que a literatura na Idade Média era voltada para a vida social dos adultos e aponta as normas tradicionais desempenhadas pelas famílias na sociedade. Em meados do século XVII, quando surge, então, a literatura voltada para crianças, ainda de acordo com a escritora, o valor dado à infância torna-se crucial para a construção de uma literatura voltada à prática pedagógica.

Nesse contexto, segundo Lima (2016), a infância representada nos livros infantis em diversos gêneros pode ter sido a realidade vivida até mesmo por escritores:

Sendo assim a literatura, ao privilegiar a criança como personagem, passa a habitar romances e poemas para representarem uma determinada realidade da infância na vida da criança brasileira, inclusive a autobiografia dos próprios escritores. (LIMA, 2016, p.2).

A literatura infantil se desenvolve a partir de um período que impôs uma formação para crianças e jovens, com o intuito de educar para a vida adulta, por isso a ênfase à preservação do lar e ao surgimento de um espaço privilegiado do jovem na sociedade. Assim, as transformações no conceito de educação foram fundamentais para esse processo. Tais aspectos justificam a relação aproximada entre literatura infantil e formação pedagógica.

A representação da infância na literatura não se deu no século XVII nem no século XVIII. De acordo com Zilberman (2003), essa representação aconteceu na segunda metade do século XIX, quando as histórias passaram a ser representadas por crianças como o menino *Tom Sawyer*, de Mark Twain, publicado em 1876. Eram bonecos que tinham vidas que imitavam as crianças, como o boneco “Pinóquio” do escritor Carlo Collodi, cuja primeira aparição se deu em *As aventuras de Pinóquio* em 1883.

O escritor Monteiro Lobato foi o precursor da literatura infantil de origem brasileira. Segundo Biasioli (2007), não tem como falar de literatura infantojuvenil sem citar Monteiro Lobato, que se preocupou com essa literatura ao criar a obra *Narizinho Arrebitado* em 1921. A obra foi o destaque da literatura na época por ter se preocupado com a realidade.

Deu-se, assim, o percurso da literatura voltada para crianças, com elementos narrativos, discursivos e visuais capazes de impactar o leitor criança e adolescente. Essa nova literatura representou a infância no Brasil, tendo em vista as identidades da cultura brasileira.

Já a Literatura da Amazônia tem, em sua cosmogonia, marcas das narrativas orais, da circulação dos mitos entre as gerações. Nessa literatura, há confluências culturais e uma poética do imaginário. Fernandes (2004) considera a literatura da Amazônia como conjunto de obras com traços de identificação da região, para ele as obras são marcadas pelas identidades culturais, são esses elementos que a constituem, mas isso não quer dizer que sejam “da Amazônia” no sentido estritamente regional, pois suas particularidades são apenas pontos de partida para uma visibilidade multifacetada do mundo, em que a cultura já apresenta uma função estetizante.

O mito está gestado no imaginário de muitos povos, como relicário cultural, por meio do qual se revelam muitos fenômenos das florestas, dos rios, das identidades, sendo um signo arquetípico que também se revela nas cosmogonias do mundo amazônico e na memória coletiva:

Daí, destacamos a importância, em compreender o mito enquanto elemento recorrente na literatura Amazônica, de modo geral, afinal, o ser humano sempre cultivou a curiosidade sobre a existência do mundo, a origem dos fenômenos naturais, o surgimento de cada ser presente e, o mito, como observamos, é um dos caminhos que conduzem a possíveis respostas dessas indagações. (COSTA, 2016, p. 32).

É possível observar que, nas obras citadas, rios e florestas se tornam espaços literários comuns, inspiração de escritores, uma vez que a cultura amazônica é constituída por elementos singulares, com personagens encantados submersos nas águas ou embrenhados na mata. Assim, o imaginário do povo amazônico é força que ganha lugar na voz dos escritores, pois “é uma cultura marcada pela riqueza de símbolos, de completa relação com a natureza” (COSTA, 2016, p. 39).

O imaginário assumiu desde sempre o papel de dominante no sistema de produção cultural amazônico. Como consequência, atribuição amazônica à literatura brasileira se fez e se faz, predominantemente, por meio de produtos desse imaginário [...]. (LOUREIRO, 2000, p. 66).

Na obra *A história das crianças que plantaram um rio* (2013) é possível identificar que a cultura amazônica e a infância estão intrinsecamente conectadas. Para o povo ribeirinho, o rio é a base da sobrevivência, pela importância do consumo da água, da pesca e também da construção de uma atmosfera mágica, na qual a criança manifesta sua relação com o mundo social, histórico e poético. O rio assume o estatuto de protagonista na obra de Daniel Leite.

A diversidade cultural dos ribeirinhos é compreendida por Silva (2017) como “autêntica”, pois é algo natural, ou seja, não possui, do ponto de vista identitário, influência da globalização:

[...] o ribeirinho original ainda não teve sua identidade sufocada pela globalização histórico-espacial e cultural da região, uma visão lúdica que ignora que a identidade e as diferenças são construídas por conflitos e tradições. (SILVA, 2017, p.05).

As narrativas orais da cultura amazônica também têm um lugar privilegiado na literatura. A transmissão dos valores culturais e a permanência da memória tradicional são traços da escrita amazônica para Loureiro (2000), símbolos “inesgotáveis” de saberes. Ainda sobre as narrativas orais, Oliveira e Santos (2007, p.1) descrevem uma cultura configurada pela transmissão de saberes dos “mais antigos”, e a natureza faz com que o sujeito se debruce sobre um mundo imaginado.

De acordo com Lima (2016), autores paraenses no século XIX escreveram obras abordando a infância como representação da própria vida, geralmente os textos narravam fatos que ocorriam no contexto daquele período, resultantes dos esforços da memória.

A Literatura infantojuvenil de Daniel da Rocha Leite

Daniel da Rocha Leite é carioca, mas se mudou para Belém ainda criança. Formado em direito, também possui graduação no curso de licenciatura plena em letras com habilitação em língua alemã, Pós-graduado em Letras e Análise Literária, Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA. É autor de diversas obras, de múltiplos gêneros, como poesia, crônica, conto e romance. Recebeu várias premiações nacionais, como o Carlos Drummond de Andrade do SESC-DF em 2007 com a poesia *Travessia para um abraço*. Venceu três vezes o prêmio de literatura do Instituto de Artes do Pará (IAP) com os livros de contos *Águas imaginários* em 2004, *Casa de Farinha e outros mundos* - infantojuvenil pela SECULT/PA - em 2007. Ainda no ano de 2007 venceu novamente o Prêmio IAP com o livro de contos *Invisibilidades* e foi selecionado pelo prêmio Dalcídio Jurandir da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves em 2010 na categoria crônica. Venceu o prêmio Wallace da Academia Brasileira de Letras com o romance *Girândolas*. Daniel Leite com a obra infantojuvenil *Procura-se um inventor* recebeu também o Prêmio Rafael Costa da Academia Paraense de Letras em 2010. O escritor ainda foi selecionado para o edital de Cultura do Banco da Amazônia (BASA) por

três edições com as obras infanto-juvenis *Livro Pero Vero* em 2010, *A história das crianças que plantaram um rio* em 2013, em 2014 *A menina árvore e Menino astronauta* e, em 2011, o livro *Aguarrás* com 90 poemas.

Na Amazônia, além da cosmovisão fantástica, existe uma aproximação da natureza com os sujeitos amazônicos, a procura da sobrevivência diante do isolamento geográfico, um sentimento de pertencimento entre as pessoas e o mundo aquático.

A escrita de Daniel Leite é uma prosa-poética. Extremamente metafórica. Ele brinca com as palavras, escolhe-as com cuidado para depois arrumá-las nas páginas. Algumas delas trazem uma única frase, algumas vezes as palavras sobem e descem “desenhando” pequenas ondas no papel. Tudo trabalhado com uma poesia capaz de preencher o coração dos leitores com um rio, cujo curso é a vida que corre nas veias da Amazônia, que é o nosso corpo. (MARTINS, 2016, p.79).

O rio, por si só, já possui sua magia poética, uma função cósmica, é também um corpo integrado à vida social da Amazônia. Daniel faz esse rio ser ainda mais esplêndido e identificado ao receptor, principalmente ao leitor da Amazônia. Ao recorrer ao mito, fazendo uso de imagens simbólicas, a obra provoca o caráter devaneante e interage com o sentimento de pertencimento, porque dialoga com os saberes culturais locais. O desfecho da narrativa provoca uma releitura, de lentidão no trato com o simbólico. Há, em Daniel Leite, uma mensagem estética e social. A obra move os sentimentos ligados à poética das águas e à atmosfera dos sonhos.

As crianças que plantaram um rio: a infância e a poética das águas.

A narrativa em *A história das crianças que plantaram um rio* (2013) traz elementos culturais que são específicos dos habitantes das margens dos rios. A obra possui uma paisagem de memórias e convida a imaginação do leitor a mergulhar em narrativas permeadas pelo maravilhoso.

O narrador faz um prelúdio da história chamado: “Mergulho no rio” (LEITE, 2013, p.7), assim já introduz o leitor no universo poético. Descreve o cenário amazônico como se estivesse entrando no passado e o vivesse naquele momento: “Sou menino crescendo nas palavras do rio que cresciam em mim. Trapiche da nossa casa. Águas grandes chegando. Inverno do norte. No chão da nossa casa

o rio vinha morar”. (LEITE, 2013, p.19). Nessa passagem, percebe-se a magia do rio na percepção do narrador menino, o qual descreve que, com o crescimento do rio, também a criança cresce junto e passam a confluir o ser e o mundo das águas. O flúmen desperta a imaginação da criança que, em sua própria narração, continua: “Nossa casa tinha pernas magras e altas. O rio ficava ali, respirando noite e dia, embaixo da nossa casa aérea” (2013, p.19). No seu imaginário, o rio também era um ser vivo, era como um menino.

É possível observar o espaço em que a história acontece quando o narrador detalha: “Barcos e barros, farinhas e fomes, vida que vinha e ia, voltava o rio sempre. Era o tempo das chuvas. Tempo delas. Tempo do rio morando com a gente” (LEITE, 2013, p.19). As chuvas ocorrem em período constante na Amazônia, principalmente nos locais onde habitam os ribeirinhos. Nesse local há maior concentração das matas fazendo parte da realidade dessas pessoas na maior parte do ano.

Portanto, para as crianças, o período de chuvas leva às cheias dos rios, o que constitui um momento de alegria e de brincadeiras. Mas na Amazônia esse ciclo também é preocupante, pois a alimentação se torna mais difícil, é mais complicada a pesca, em alguns locais ocorre o alagamento e as plantas das quais retiram sua subsistência apodrecem nas raízes, por exemplo, a mandioca da qual os ribeirinhos produzem diversos alimentos como farinha, tapioca, tucupi, beiju, entre outros. Essa é a realidade ribeirinha em épocas do inverno, quando os rios enchem. Quando a cheia termina é tempo de voltar às lutas, de buscar os alimentos, tempo de plantar novamente.

Daniel da Rocha Leite faz uso dos elementos da cultura como representação literária, descreve poeticamente a vida durante as cheias e também as graves secas, demonstrando o respeito às chuvas e às marés, pois partilha da consciência dos ciclos: “o curso do rio também é marcado na narrativa mostrando a sua importância no curso da vida ribeirinha” (COSTA; CAMELO, 2017, p.3).

Meses depois, o rio voltava para o seu lugar, ali, ao nosso lado, vizinho de águas. O rio se arredava um pouco, voltava para o nosso quintal, esperava. Tempo se cumpria, estio chegava, o rio emagrecia. Tempo de tarrafas e tarefas. (LEITE, 2013, p. 20).

O rio é visto, em algumas passagens, como companheiro e, ao mesmo tempo, como íntimo da solidão. As crianças personificam as águas e deixam de lado os pais e avós para irem brincar, uma prática adquirida desde o início da vida. Nas cheias, as brincadeiras se tornam mais frequentes. Na citação, a seguir, o narrador descreve como ficavam as crianças e os adultos nesse tempo. Todos, de certa forma, tinham algum tipo de relação com o rio:

Águas Grandes eram o tempo do nosso mundo, meninos e meninas correndo pelo trapiche inundado “Tempo de gente só”, dia a minha mãe; “tempo solidão”, repetia a minha avó, enquanto o meu pai conferia a altura do rio chegando. (LEITE, 2013, p. 23).

A representação na narrativa aponta para a visão infantil em relação à família. As “Águas grandes” são o tempo da criança, do “tempo solidão” da avó, do trabalho do pai, incumbido da medição da altura do rio. Existe também o distanciamento afetivo da criança em relação aos adultos, resultado da concepção de infância adquirida ao longo da história.

Em *As crianças que plantaram um rio* (2013), a infância é vista como tempo da imaginação, no qual as crianças experimentam a liberdade e narram suas percepções do mundo, suas brincadeiras imersas nas encantarias das águas.

O brincar das crianças

A vida do narrador menino é contemplativa, imersa na existência do rio. Nas cheias, dia e noite, o rio e a criança estão juntos, como amigos, coautores da vida. Durante o dia, o menino é um observador atento: “Eu, ali, olhando para ele [o rio] pelas frestas do assoalho, via passar toda a sua vida” (LEITE, 2013, p. 29). Era “Um menino e seus redemoinhos de sonhos e águas. Um rio-mar e um menino. Perto da nossa casa, junto da gente, tudo do rio eu sonhava”.

Será que o rio também sonhava os meus sonhos, a minha correria em suas margens, o meu andar de menino, o seu andar de rio, a gente ali, lado a lado, sonho a sonho, correndo juntos, vivendo uma vida de menino e rio? Sabia o rio dos meus sonhos: um barco, canoa, casco ou montaria, sempre sonhos. Mãe d’água, folha navegando, formigas atravessando, correria de jacundás. (LEITE, 2013, p. 34).

As brincadeiras também estão imersas no universo onírico. O rio também sonha. E as brincadeiras estão alinhadas ao mundo amazônico, barco, canoa, casco, montaria. O brincar com a linguagem, a imaginação permeada de figuras encantadas como a “Mãe d’água”. A vida de menino de rio se insere no entrelugar, entre o imaginário e a realidade.

As crianças, através do ato de brincar, conquistam mais autonomia. No caso do rio, vão descobrindo e criando novas formas de se relacionar. O tempo do sonho é o tempo do rio, confidente e amigo. Depois, ao crescer, o rio se torna lugar de trabalho, sustento. Nas cheias ou na estiagem, as crianças podem criar e recriar suas formas de brincar. As brincadeiras são feitas da imaginação e da relação com o mundo das águas: “(...) sonhos barcos, sonhos botos, sonhos vida, saltos e pescarias, barrancos e banhos” (LEITE, 2013, p.30).

É importante ressaltar que a brincadeira não é algo inerente à vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar a partir das relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a sua cultura. De acordo com Ângela Borba (2003), o brincar envolve múltiplas aprendizagens.

A liberdade de brincar na infância possibilita que as crianças percebam quais são os seus próprios limites na arte de brincar. “O brincar contém o mundo e ao mesmo tempo contribui para expressá-lo e recriá-lo. Dessa forma, amplia os conhecimentos da criança sobre si mesma e sobre a realidade ao seu redor” (BORBA, 2003, p.41). As brincadeiras são consideradas para Boeno (2011), como uma particularidade muito importante para o desenvolvimento durante a infância.

Na narrativa, estão os elementos do cotidiano da criança, “o brincar está estreitamente ligado à formação dos sujeitos culturais e à constituição de culturas em espaços e tempos nos quais convivem cotidianamente” (BORBA, 2003, p. 39).

Daniel Leite possibilita ao leitor o “mergulhar” na história e vivenciar as emoções junto com os personagens. E, como muitos leitores também são ou foram ribeirinhos, a leitura acende as lembranças de sua vida. (MARTINS, 2017, p. 78).

Daniel Leite revela os objetos que são utilizados principalmente para a subsistência como barcos, canoas, cascos, entre outros, e a criança constrói interações e brincadeiras com esses elementos que estão refletidos no dia a dia dos ribeirinhos. De modo geral, a criança amazônica se relaciona com a sua cultura e a (re) significa de acordo com sua ótica lúdica.

A minha avó, bem velhinha, pequenina e magra, parecia um peixe saído do rio quando ela passava a me contar as suas histórias. A minha avó, os seus olhinhos miúdos. As marcas da vida em seu rosto eram escamas do tempo que tentavam esconder a luz dos seus olhos negros. (LEITE, 2013, p.45).

Novamente, o narrador criança faz uma interação com o universo maravilhoso das águas, utilizando a comparação do “peixe saído do rio” com as características da avó. Aqui há a representação da imaginação, da espontaneidade como traços da infância. As relações com o mundo são visuais, fluem por meio da sua presença no mundo, das práticas culturais que a definem.

O universo onírico da criança

Alguns traços da infância e da memória estão representados na contação de histórias da avó. As brincadeiras no rio, os movimentos das pequenas ondas são lembranças e sonhos na poética das águas.

Gente toda da nossa casa dormindo, eu sonhava com o rio, sonhava com suas profundezas, com seus mistérios, alturas e abismos, céu e chão, alma e lama. Sonhos peixes, ninhos de puraquês, gigantes pirarucus, piraras imensas. Sonhos barcos, sonhos botos, sonhos vida, saltos e pescarias, barrancos e banhos”. (LEITE, 2013, p.30).

O narrador faz uma fusão da realidade e do sonho. No mundo amazônico, há peixes gigantes, profundezas, mistérios, mitos que envolvem esse universo maravilhoso. Os seres citados pelo menino no sonho lhes chegam pela observação, pela curiosidade e, principalmente, pelas narrativas dos pescadores ou das pessoas mais vividas da comunidade. Como exemplo, há muitos encantados neste universo onírico: a boiuna, a matinta, o boto. Todos esses seres mágico-religiosos atravessam o cotidiano da criança e ajudam a construir a sua atmosfera cósmica: “Um menino e seus redemoinhos de sonhos e águas. Um rio-mar e um menino. Perto da nossa casa, junto da gente, tudo do rio eu sonhava”. (LEITE, 2013, p. 31)

O devaneio da criança mostra, então, que suas encantarias da linguagem estão presentes em sua vida pela contação de histórias e pela percepção criacionista do mundo. No seu dia a dia, os encantados se corporificam na voz das narrativas orais.

Assim como a criança sonha com o rio dentro do seu contexto social, metamorfoseando ima-

gens aquáticas, ela também imagina o rio sonhando com as casas, com a “gente” transfigurada em peixe:

Será que o rio sonhava como se fossem brinquedos? Sonhava o rio com as casas da gente como se fossem caracóis? Em seus sonhos de rio, ele sonhava gentes como se fossem peixes, pássaros e outros bichos? Sonhava o rio nossos sonhos de gente as águas? (LEITE, 2013, p. 35).

A magia do rio é uma poética do imaginário, a voz da criança procura no mundo das águas seu próprio universo onírico. Sobre a fantasia no onirismo da criança, Bachelard (1988, p. 28) descreve que “nos devaneios da criança, a imagem prevalece acima de tudo. As experiências só vêm depois. Elas vão à contra vento de todos os devaneios de alçar vôo. A criança enxerga grande, a criança enxerga belo”. A infância capta a beleza do sonho, a fantasia dentro do cotidiano transforma e amplia a realidade amazônica. O sonho do narrador criança é baseado em imagens devaneantes. A obra de Daniel Leite traz um menino dentro de um sonho de rio ou um rio dentro de um sonho de menino.

O fascínio pelas narrativas orais

A personagem da avó, no livro de Daniel Leite, é a porta-voz dos saberes, contribui como mestra e entidade afetiva na formação da criança de rio. A avó é a memorialista, artesã da palavra, contadora de histórias. A tradição oral dá sentido à cultura amazônica. As pessoas mais vividas carregam a vivência, o elo com o passado e os mitos. São estas narrativas que confluem do real para o imaginário, atrelando as experiências de vida aos seres encantados dos rios e das florestas.

Portanto, esses seres encantados e o universo que eles habitam fazem parte da formação do imaginário amazônico. Esse é mais um dos traços da cultura amazônica traduzidos na obra de Daniel da Rocha Leite, pois assim são constituídos os valores do povo ribeirinho, por meio da transmissão dos ensinamentos a partir da vida-experiência.

A contação da avó aumenta o poder criativo da criança por meio dos mitos de criação, para isso se percebe a preocupação dela com o ato de narrar. Por meio da oralidade, as crianças adquirem um conjunto de saberes culturais. São os modos de narrar e o lúdico destas histórias que fecundam o universo onírico.

Lembro que era dia, uma vez, no início de uma tarde, quando eu pedi que a senhora contasse mais uma história pra gente.

Lembro-me do mundo da sua resposta:

- Não, meu filho. História de dia não.

Eu ali, sempre menino, sempre já.

(...) – por quê, vó?

- porque história é sonho, meu filho. História é noite.

E um dia foi noite, nos olhos da minha avó, quando ela me contou uma história que eu nunca esqueci. (LEITE, 2013, p. 61).

As histórias evocam o maravilhamento. “História de dia não”, o trecho revela a atmosfera do mistério. Por isso o fascínio da criança com o narrar: “História é noite”. Há o lugar e o momento certo para as narrativas encantadas. O narrar da avó produz os efeitos mágicos que estarão sempre presentes na memória do narrador, na lembrança do ser criança. Sobre essa prática de contar histórias, Barbosa (2012) declara: “como” contá-las é fundamental para que o momento seja marcante para o receptor das narrativas.

O ato de contar histórias requer não apenas o saber contar, mas o como contar. Uma história contada tão-somente é deleite para alguns, por determinado momento. Uma história bem contada permanece por longos anos na memória de quem a ouviu. (BARBOSA, 2012, p. 12).

E assim acontece na obra de Daniel Leite, o fascínio pela contação de histórias está representado no relato do narrador, quando descreve o contar como mistério, fonte de itinerários, passagem das cenas da vida ao imaginário:

Quando ela começava a contar uma história, muitas vezes eu nem sabia que era uma história.

Era uma pergunta, era um silêncio, era uma palavra, era um olhar de vó, a luz do mundo de uma das suas histórias. Sem eu nem saber, sequer desconfiar, a história já estava acontecendo. (LEITE, 2013, p. 45).

Para Barbosa (2012), o contar está atrelado, além do tom da voz, à apresentação, ou seja, à performance, aos recursos utilizados durante a sua execução. Todas as expressões utilizadas pela avó na narrativa da criança são fundamentais para a compreensão da história: “Os gestos, as expressões faciais, o olhar em várias direções, o franzir do rosto, os murmúrios, o silêncio são alguns dos muitos recursos de que se vale o contador para dar sentido ao que se conta”. (BARBOSA, 2012, p.12).

Durante a narrativa, há um momento em que a avó descreve a morte do rio, cena de tristeza, uma vez que o rio é o protagonista da vida ribeirinha:

Abandono que se ouvia longe, eco, solidão. Vento que tinha arame farpado por dentro. (...) a sombra do rio chorava um choro mudo, sem alma de águas. Ninguém ouvia, mas todo mundo era capaz de sentir a tristeza da sombra do rio. Era dor muita, meu filho. (LEITE, 2012, p.67).

Em seguida, a avó conta o momento apoteótico da narrativa: o renascer do rio. A chuva, como símbolo de vida, está nas mãos das crianças como semente. Os meninos e as meninas também são encantados e podem plantar o rio. A chuva como devaneio, elemento fundamental para o renascimento, para reflorescer as esperanças e os sonhos:

O sol estava nascendo quando elas foram até o lugar onde ficava a sombra do rio. Chegando lá, meu filho, as crianças que tinham a chuva em suas mãos fizeram semente e lançaram as suas águas no chão da sombra do rio. Aqueles meninos e meninas, meu filho, plantaram um novo rio, sonharam um novo mundo, semearam uma nova história. (LEITE, 2013, p. 71).

Não está explícito como o rio morreu, mas fica subentendido, pelo interdiscurso, que o rio pode ter falecido por questões sociais. A região amazônica sofre com a construção de barragens, com o desmatamento, com a extração de minérios, com a miséria. Além disso, há secas severas, em que o rio parece desaparecer. Daniel Leite em *A história das crianças que plantaram o rio* (2013) promove um diálogo entre a literatura e a cultura, a realidade e o devaneio: “A memória, enquanto acervo de lembranças, não é um produto qualquer resultante de

vivências, mas um processo que se faz no presente para atender às necessidades do presente” (BARBOSA, 2013, p. 67).

Considerações finais

A criança, na obra de Daniel da Rocha Leite, está representada como sujeito ativo que possui a liberdade de viver como tal. Por muito tempo, esse direito lhe foi negado, tendo de agir, vestir-se e trabalhar como adultos. O narrador tem na sua voz a força do imaginário, construído a partir do cenário maravilhoso do rio e das contações de histórias da avó.

A obra mostra a realidade da infância e dos adultos e é possível compreender traços identitários dos ribeirinhos da Amazônia. Apresenta também os elementos da oralidade como marcas da transmissão de saberes e da preservação das memórias.

As brincadeiras das crianças envolvem práticas culturais, pois se associam ao ambiente em que vivem. Na obra, as brincadeiras acontecem no rio, tornando-o personagem e construtor dos devaneios e encantamentos da criança.

O convívio social e cultural também se reflete no universo onírico da criança. Os seres encantados que habitam o mundo das águas contribuem para a construção da paisagem imaginativa e para o florescimento da ludicidade. Os elementos culturais são fundamentais para (re)criação do mundo e para constituição de uma atmosfera de sonho, uma vez que a imaginação das crianças parte de suas vivências.

O fascínio pela contação de histórias na obra envolve a memória afetiva e a estrutura de sentimento do narrador criança, pois a personagem avó, com seus modos de narrar, aproxima realidade e imaginário. A relação da criança com a natureza depende do aprendizado que as histórias da avó proporcionam. Os saberes desta personagem ensinam a criança a ouvir e a sentir o rio, ajudam a preservar as lembranças, os sonhos, a compreender as tristezas, os silêncios e as alegrias. Daniel Leite apresenta o rio como elemento central e formador das práticas culturais da criança.

As representações da infância no livro de Daniel Leite carregam muitas questões identitárias, sociais, mas trazem, sobretudo, imagens simbólicas do universo sensorial e afetivo da criança. **É possível observar na narrativa a representação do imaginário e da atmosfera infantil na construção das personagens e do espaço literário.** A metáfora do plantio do rio é a mais significativa de todas, pois as crianças que têm as sementes de chuva, assim como o rio, são a própria fonte da

vida e dos sonhos amazônicos.

Referências

ÁRIES, Philippe. *História social da Criança e da Família*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBOSA, Joaquim. *Narrativas orais: Performance e memória*. Manaus: UFMA, 2011.

BORBA, Ângela M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: *Brasil, MEC/SEB Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

COSTA, Lucimara. *O imaginário Amazônico em torno do rio em A história das crianças que plantaram um rio de Daniel da rocha leite*. VI Ciella - Congresso internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

COSTA, Lucimara; CAMELO, Marco. A história das crianças que plantaram um rio: a personificação do rio em uma história de águas e sonhos. In.: *Ribanceira, Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará*. Belém: 4 (1): 48-61, out. 2017.

COSTA, Jaqueline. *Identidade e Cultura amazônica em obras literárias infantojuvenil*. Disponível em :

http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1733/1/POS_DEFESA_Jaqueline%20-%20DISSERTACAO%20de%20Mestrado%20com%20ficha%20catalografica.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 5 ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FERNANDES, José Guilherme. Literatura brasileira de expressão amazônica, Literatura da Amazônia ou Literatura Amazônica? In.: *Graphos*, João Pessoa, 6. (2): 111-116, fev. 2004.

FREIBERGER, Rita. *A literatura infantil aliada ao desenvolvimento da pedagogia de projetos interdisciplinares*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil Brasileira: História & Histórias*. São Paulo: Ática, 1991.

LEITE, Daniel. *A história das crianças que plantaram um rio*. 1. ed. Belém: Ponto Press, 2013.

LIMA, Maria. A literatura paraense como fonte para o conhecimento da história da infância na Amazônia. In.: *Arquivo Brasileiro de Educação*. v. 4. (9) Belo Horizonte. Dez. 2016.

LOUREIRO, Paes. *João Paes Loureiro: obras reunidas*. v.4. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MARTINS, Joana Célia do Socorro Gomes de. *Lamparinas para cegos: literatura acessível na Amazônia*. Disponível em:

http://ccse.uepa.br/ppged/wpcontent/uploads/dissertacoes/10/joana_celia_do_socorro_gomes_de_andrade_martins.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

MEDEIROS, Luciana. *Daniel é “Pero Vero” da literatura paraense*. Disponível em: <http://holofotevirtual.blogspot.com/2011/08/daniel-leite-e-peso-vero-da-literatura.html>. Acesso em: 21 de mai. 2019.

NUNES, Brisa. Da ilustração de livro infantil ao imaginário amazônico: *mergulho em “A história das crianças que plantaram um rio”*. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/8647>. Acesso em: 18 de mai. 2020.

OLIVEIRA, Carla; DIAS, Adiclecio. A Criança e a Importância do Lúdico na Educação. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. 1ed.v. 13, Jan. 2017.

PORTAL Cultura. *Circuito Entrevista - Daniel Leite*. Disponível em: <https://youtu.be/-G3AAKQ40t8>. Acesso em: 21 mai. 2019.

SARMENTO, M. J. *Imaginário e cultura da infância*. Instituto de Estudos da Criança. Universidade de Minho, 2004.

SIMÕES, Maria Galvão; FARIAS, Cristiane Socorro. As narrativas orais e o imaginário das crianças ribeirinhas. *Re-*

vista do Programa de Pós-graduação em Letras. Santa Maria: 27 (55): 09-128, dez. 2017.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Atual e Ampliada, 2003.